



GEDES

Grupo de Estudos de Defesa
e Segurança Internacional

OBSERVATÓRIO SUL-AMERICANO DE DEFESA E FORÇAS ARMADAS

INFORME BRASIL Nº 41/2018
Período: 10/11/2018 – 16/11/2018

GEDES – UNESP

- 1- Reajuste do salário de militares
- 2- Colunistas comentaram relação entre Forças Armadas e política
- 3- Comandante Villas Bôas descartou regime autoritário no Brasil
- 4- General foi nomeado para Gabinete de Segurança Institucional
- 5- Colunistas comentaram relação das Forças Armadas com o novo governo
- 6- Futuro ministro da Defesa comentou sobre as Forças Armadas em entrevista
- 7- Militar reformado dialogou sobre questões de segurança

1- Reajuste do salário de militares

De acordo com o periódico *Correio Braziliense*, os servidores civis pretendem requisitar reajuste salarial ao futuro governo após a iniciativa de generais das Forças Armadas, que pediram um reajuste de 23%, em troca das mudanças em sua Previdência. Conforme o Boletim Estatístico de Pessoal (BEP), do Ministério do Planejamento, os militares custaram R\$ 57 bilhões ao Tesouro e, se houver o aumento de 23%, o impacto financeiro seria de R\$ 13 bilhões. Em 2016, os militares receberam correções de 24,24% a 48,91%, de acordo com a patente. Segundo os dados do Ministério do Planejamento, “as despesas com os militares (ativos, da reserva, reformados e pensionistas) equivaliam a 22,4% de todo o gasto com salários”. (*Correio Braziliense – Poder – 10/11/18*)

2- Colunistas comentaram relação entre Forças Armadas e política

Em coluna opinativa a *O Estado de S. Paulo*, o ex-Ministro do Trabalho, ex-presidente do Tribunal Superior do Trabalho e advogado Almir Pazzianotto Pinto afirmou que são injustificados os temores, propagados durante a campanha presidencial, de golpe contra o Estado Democrático de Direito. Segundo Pazzianotto Pinto, o regime militar (1964-1985) continua presente na memória, e a queda de João Goulart era previsível no momento em que apoiou a greve de outubro de 1963 e quando estimulou a “violação dos princípios de hierarquia e disciplina que regem as Forças Armadas, por praças e sargentos”. Conforme o advogado, quando o general Olímpio Mourão Filho colocou nas ruas a infantaria do I Exército, Goulart não tinha apoio e seguiu até Montevideú, no Uruguai, pedindo asilo político. Conforme Pazzianotto Pinto, os 20 anos de exercício do poder pelas Forças Armadas os convenceu a afastar-se da política e a se dedicarem às missões institucionais. O Estatuto dos Militares, aprovado pela Lei n.º 6.880, de 9/12/1980, contribuiu para impedir a vitaliciedade no poder,

impedindo que oficiais gerais permaneçam indefinidamente em atividade no topo da carreira: “ao atingir a idade-limite de 66 anos, o general de exército, o almirante de esquadra, o tenente-brigadeiro vão para a reserva”. Em coluna opinativa para a *Folha*, o colunista Janio de Freitas afirmou que o contínuo aparecimento de generais na mídia mostra o destaque preocupante que a opinião pública está dando ao retorno dos militares à esfera política. De acordo com Freitas, o vice-presidente eleito, general Hamilton Mourão, e o comandante do Exército negam que exista motivo para preocupação, mas isso não é suficiente para acabar com a desconfiança. (Estado de S. Paulo – Espaço Aberto – 10/11/18; Folha de S. Paulo – Poder – 15/11/18)

3- Comandante Villas Bôas descartou regime autoritário no Brasil

Em entrevista para o jornal *Folha de S. Paulo*, publicada em 11/11/18, o comandante do Exército, general Eduardo da Costa Villas Bôas, rejeitou a associação entre um regime autoritário no Brasil e o governo do candidato eleito à presidência da República, Jair Bolsonaro. Segundo Villas Bôas, o país possui instituições fortes e consolidadas suficientemente para impedir possíveis riscos à democracia. Para o general, os militares têm se mantido ausentes da política desde o fim do regime militar (1964-1985) e devem permanecer afastados independentemente do governo eleito. Segundo Villas Bôas, a imagem de Bolsonaro como um militar não deve estar sobreposta a sua representação política, visto que o presidente eleito deixou o Exército no ano de 1988. Conforme a *Folha*, no dia 12/11/18, o Partido dos Trabalhadores (PT), divulgou uma nota de repúdio às declarações feitas pelo comandante do Exército, Eduardo Villas Bôas, em entrevista ao jornal no dia anterior. Na entrevista, o general comentou sobre as manifestações que fez nas redes sociais, na véspera do julgamento do *habeas corpus* do ex-presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, em abril de 2018. Na ocasião, Villas Boas declarou “repudiar a impunidade”. Segundo o PT, ao considerar a liberdade do ex-presidente um fato de instabilidade, o general estaria confirmando que “a condenação do maior Líder político do país foi uma operação política, com objetivo de impedir que fosse eleito presidente”. De acordo com o partido, a justiça promoveu uma “operação arbitrária e antidemocrática que incluiu também a cúpula das Forças Armadas”. (Folha de S. Paulo – Poder – 11/11/18; Folha de S. Paulo – Poder – 12/11/18; Folha de S. Paulo – Poder – 13/11/18)

4- General foi nomeado para Gabinete de Segurança Institucional

Segundo o periódico *Correio Braziliense*, a nomeação do general Augusto Heleno para o Gabinete de Segurança Institucional (GSI) foi bem recebida pelos principais interlocutores do candidato eleito à presidência da República, Jair Bolsonaro. De acordo com o *Correio*, Bolsonaro espera que Heleno cumpra com funções além das designadas a um ministro-chefe do GSI, como cuidar da segurança pessoal do presidente da República, prevenir crises e evitar potenciais riscos à estabilidade institucional. A liderança exercida por Heleno ao longo da carreira militar, na coordenação política durante a campanha eleitoral e, atualmente, no período de transição de governos, o habilitou para mediar as relações entre ministros. Interlocutores avaliaram que Bolsonaro poderá permitir que Heleno o auxilie na resolução de eventuais desavenças na equipe ministerial. Segundo o periódico, a nomeação do general para o GSI apresentou,

inclusive, uma estratégia geográfica, uma vez que seu gabinete fica localizado no Planalto. (Correio Braziliense – Política – 11/11/18)

5- Colunistas comentaram relação das Forças Armadas com o novo governo

Em coluna opinativa para o *Correio Braziliense*, o jurista e ex-ministro da Advocacia-Geral da União (AGU), Fábio Medina Osório, falou sobre as promessas de campanha do presidente da República eleito, Jair Bolsonaro, em relação às Forças Armadas. Segundo Osório, Bolsonaro prometeu prestigiar as Forças Armadas, pois os militares sofreram um grande desgaste nos governos anteriores. De acordo com Osório, o presidente eleito disse que “fomos o único país da América Latina a lutar contra os nazistas” e que “atualmente a população olha para as Forças Armadas como garantia contra a barbárie”. Osório também mencionou a afirmação de Bolsonaro de que, durante seu governo, as Forças Armadas serão importantes no combate ao crime organizado, na busca de maior integração entre os órgãos de segurança pública e em estratégias para aumentar a segurança das fronteiras. O colunista Matias Spektor, em coluna opinativa para a *Folha de S. Paulo*, disse que os militares são um grupo capaz de influenciar as decisões políticas de Bolsonaro. De acordo com Spektor, o vice-presidente eleito, general Hamilton Mourão, e o ministro do Gabinete de Segurança Institucional (GSI), terão uma influência própria nas decisões de política externa, com foco em questões de segurança, fronteiras, indústria de defesa e o papel internacional das Forças Armadas. Em coluna opinativa para a *Folha*, o colunista Vinicius Torres Freire avaliou que, se um militar comandar o superministério de Infraestrutura, os militares estarão no controle de 60% dos investimentos do governo federal. Segundo Freire, os militares ocuparam as pastas com os maiores orçamentos, antes usadas como meio de negociar com o Congresso. Para o colunista, a ação de Bolsonaro cria um “polo de planejamento” comandado por militares além de servir para passar a mensagem de que os Ministérios antes usados como “carniça de corrupto”, agora estariam protegidos pelos militares. Em coluna opinativa para *O Estado de S. Paulo*, o colunista Willian Waack, questionou: como é o Estado que os militares querem? Segundo Waack, embora Mourão tenha afirmado recentemente em uma entrevista que os militares não se envolverão com política, o colunista acredita que eles já estão envolvidos. Para evitar aquilo que os militares chamaram de “ameaça de caos social e político”, estes se envolveram em dois episódios políticos: o atentado sofrido por Bolsonaro e a possível autorização pelo Supremo Tribunal Federal (STF) do *habeas corpus* do ex-presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. De acordo com Waack, mesmo que a instituição das Forças Armadas não esteja envolvida com a política, existem ligações entre aqueles que estão “dentro” e “fora” do governo. (Correio Braziliense – Opinião – 15/11/18; Folha de S. Paulo – Opinião – 15/11/18; Folha de S. Paulo – Mercado – 15/11/18; O Estado de S. Paulo – Política – 15/11/18)

6- Futuro ministro da Defesa comentou sobre as Forças Armadas em entrevista

Segundo o periódico *Folha de S. Paulo*, o futuro ministro da Defesa do governo do presidente da República eleito Jair Bolsonaro, general da reserva Fernando Azevedo e Silva, afirmou em entrevista que as Forças Armadas “estão vacinadas em relação a política”. Segundo o jornal, Azevedo e Silva declarou que Bolsonaro não é uma liderança militar, embora tenha uma origem militar. Ao ser questionado sobre o que as Forças Armadas acham de um oficial do Exército na

pasta de Defesa, Azevedo e Silva disse que, logo que foi nomeado, os comandantes das três Forças entraram em contato parabenizando-o pela nomeação, e que nas Forças Armadas, quando uma decisão é tomada, "todo mundo entra no mesmo barco". De acordo com o jornal, ao ser questionado sobre quem seria o próximo comandante do Exército, Azevedo e Silva não mencionou nomes, mas afirmou que "quem está sentado na mesa do Alto Comando tem todas as condições de comandar a sua força". Segundo a Folha, o favorito ao cargo é o general Edson Leal Pujol. Ao falar sobre o protagonismo das Forças Armadas, Azevedo e Silva afirmou que isso é reconhecimento e que "pesquisas mostram um grau de confiança nas instituições militares altíssimo". (Folha de S. Paulo – Poder – 15/11/18)

7- Militar reformado dialogou sobre questões de segurança

De acordo com o periódico *Correio Braziliense*, o militar reformado da Aeronáutica e deputado eleito do Partido Social Cristão (PSC), Iolando Almeida de Souza, dialogou com membros da Câmara Legislativa do Distrito Federal sobre a possível formação de uma frente parlamentar com o objetivo de defender os interesses dos profissionais de segurança pública, com destaque para a Política Militar, Polícia Civil e Corpo de Bombeiros. O militar reformado comentou que os deputados são "da área da segurança; então, pode ser automática essa junção. Vamos conversar e saber se é viável". . (Correio Braziliense – Cidades – 16/11/18)

SITES DE REFERÊNCIA

Correio Braziliense – www.correioweb.com.br

Folha de S. Paulo – www.folhaonline.com.br

O Estado de S. Paulo – www.estadao.com.br

*Informamos que as colunas opinativas da Folha de S. Paulo e o conteúdo na íntegra do Correio Braziliense e O Estado de S. Paulo não são disponíveis gratuitamente na versão online. No entanto, aqueles que tiverem interesse em receber as notícias destes jornais utilizadas na produção do Informe Brasil, podem solicitá-las a gedes@franca.unesp.br

Equipe:

Beatriz Santana Vieira (Redatora, graduanda em Relações Internacionais); Bruce Scheidl Campos (Supervisor, mestre em Relações Internacionais); Bruna Carolina da Silva Souto (Redatora, graduanda em Relações Internacionais); David Succi Junior (Supervisor, doutorando em Relações Internacionais, bolsista Fapesp); Débora Maria dos Reis Pinto (Redatora, graduanda em Relações Internacionais); Gabriela Fideles Silva (Redatora, graduanda em Relações Internacionais); Giulia Botossi Gomes (Supervisora, graduada em Relações Internacionais); Heed Mariano Silva Pereira (Supervisora, graduada em Relações Internacionais); Juliana de Paula Bigatão (Supervisora, doutora em Relações Internacionais); Laura Meneghim Donadelli (Supervisora, doutoranda em Relações Internacionais, bolsista CAPES); Leonardo Dias de Paula (Supervisor, mestrando em Relações Internacionais, bolsista CAPES); Leonardo Molina Ferreto (Redator, graduando em Relações Internacionais); Solano Pereira d'Oliveira (Redator, graduando em Relações Internacionais).